



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - ESCOLA DE ENFERMAGEM
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM EM SAÚDE COLETIVA
Disciplina “Um olhar de gênero sobre a saúde das mulheres”

Roteiro para estudo de caso

Ivete: *“Não é nada agradável fazer isso, nada agradável”*

ENTREVISTADORA: Hoje é 23 de setembro, são onze horas e trinta e cinco minutos. Seu nome é Ivete e você mora em São Paulo, não é? Qual é a sua idade?

IVETE: Moro sim. Vinte e cinco anos.

ENTREVISTADORA: Onde você nasceu?

IVETE: Santos.

ENTREVISTADORA: Tem alguma religião?

IVETE: Eu sou uma católica não praticante, mas eu sigo muito, acredito muito na doutrina espírita.

ENTREVISTADORA: Mas você não segue?

IVETE: Não.

ENTREVISTADORA: Tem escolaridade superior... e é solteira.

IVETE: Solteira, sou enfermeira.

ENTREVISTADORA: Mora sozinha ou mora com os pais?

IVETE: Em São Paulo moro sozinha.

ENTREVISTADORA: Fale pra mim com o maior detalhe que você lembrar, como é a sua vida sexual reprodutiva. O que você quiser responder também.

IVETE: Eu namoro há quatro anos e tenho vida sexual ativa com o meu namorado... Assim, nunca fui uma pessoa promíscua. É ele é o único homem que eu tive até hoje. Inclusive nós pretendemos nos casar só que a gente tem pé no chão então vamos esperar o momento certo pra está morando junto. A gente se entende muito bem, um sempre apóia o outro. O fato de eu morar em São Paulo não atrapalha nossa relação.

ENTREVISTADORA: Ele é de Santos?

IVETE: Ele é de Santos, faz faculdade, trabalha em Santos e eu o respeito muito. Eu não posso exigir que ele abandone tudo lá e venha pra cá assim como ele não exige que eu vá pra Santos. Ele sabe que eu estou aqui em São Paulo porque eu pretendo fazer uma pós graduação. Eu pretendo me estabelecer como profissional, não quero parar por aqui. Fiz a graduação e vou parar e ele me dá muito apoio nesse sentido.

ENTREVISTADORA: E vocês evitam gravidez como?

IVETE: Eu tomo pílula. Eu tomo pílula só que estou pretendendo parar. Eu quero colocar o DIU porque a pílula eu estou sentindo que ela não me faz bem, tenho muita dor de cabeça, começa aparecer um monte de vasos que eu não tinha nas pernas e sensação de, sabe, corpo pesado. Sinto que não faz bem.

ENTREVISTADORA: Você faz seguimento médico?

IVETE: Faço; eu tenho um ginecologista, o mesmo ginecologista há anos. E eu estou querendo colocar o DIU. Eu só não coloquei o DIU até hoje porque eu tenho muita cólica e o DIU, você sabe, ele aumenta essas cólicas, então por isso que eu não coloco.

ENTREVISTADORA: Mas você vê como futuramente uma possibilidade

IVETE: Vou, Vou...

ENTREVISTADORA: Uma coisa possível de você fazer. Quanto ao fato de você ter escolhido pílula ou o DIU, é uma decisão sua ou vocês conversaram? A gente conversou, a gente conversa... Porque, assim, logo no início quando a gente começou a ter relação era camisinha. Só que aí o tempo vai passando, você vai pegando mais intimidade, está sentindo a pessoa, você confia na pessoa, sabe que você é a única da vida daquela pessoa, então a gente conversou e eu comecei a tomar pílula. Uma decisão conjunta e aí eu fiquei esses anos tomando pílula. Parei o ano passado na época que eu engraidei e parei porque eu tive que fazer uma cauterização e por conta disso não podia tomar pílula, não podia ter relação. Eu fiquei usando camisinha no tempo do... que ele... o médico falou assim quinze dias que não podia ter relação. Aí, tudo bem, após esses quinze dias eu fiquei usando camisinha... Meu namorado ficou usando camisinha só que aí...

ENTREVISTADORA: Falhou a camisinha?

IVETE: Falhou, com a camisinha.

ENTREVISTADORA: Conte para mim sobre essa gravidez.

IVETE: Foi no final do ano passado, eu estava me formando, estava terminado a faculdade. Um período super conturbado, tendo estágio, tendo que fazer trabalho, com aquela preocupação de estar fazendo currículo, uma série de coisas. Eu era membro da comissão de formatura da minha turma. Então, um monte de problemas que aconteceu e aí descobri que estava esperando um filho.

ENTREVISTADORA: Como é que descobriu que estava grávida?

IVETE: Eu comecei a passar mal, comecei a passar mal... e assim minha menstruação. .. Antes de eu começar a tomar pílula ela já era uma menstruação assim, certinha vinte e oito dias aquela coisa não, não tinha... um ciclo assim rígido, então como eu estava... a gente estava usando camisinha por conta da cauterização, eu não estranhei que atrasou. Atrasou e eu não estranhei que atrasou, eu falei: "Ah é porque eu não estou tomando..."

ENTREVISTADORA: Você não percebeu um rompimento, nada, da camisinha?

IVETE: Não.

ENTREVISTADORA: Nada???

IVETE: Não.

ENTREVISTADORA: Nada que sugerisse alguma coisa?

IVETE: Não nada, Era uma situação totalmente nova. Então eu comecei a passar mal, acordava, tinha tontura, enjoava muito, mas assim de passar mal, mas tão mal da minha amiga teve que me ajudar a ir prá casa porque eu não conseguia.

ENTREVISTADORA: Nossa !!!

IVETE: Horrível, eu não conseguia andar de ônibus... de tanto enjoar. Aí eu pensei “uma coisa muito esquisita, muito estranha: ou eu estou grávida ou eu estou, sei lá, alguma doença muito séria”. Aí eu fui no médico, fui no meu ginecologista, ele fez um exame, aí ele falou assim: “Olha, você está com útero de grávida, você está com mama de grávida”

ENTREVISTADORA: Tudo que você não queria ouvir, não é?

IVETE: Tudo que eu não queria. Aí ele falou assim: “Ó, vou pedir o exame de sangue, mas eu tenho certeza que você está grávida” ele falou, porque “eu conheço seu útero, seu útero está... o colo dele está fofo... e....e não é assim”. Aí, tudo bem, eu fiz o exame. Aí... pronto... era aquilo que eu não queria... Aí eu conversei com o meu namorado... Aí, assim, a primeira reação dele foi falar “Aí, não vai dar prá ter, vamos tirar” Foi a primeira coisa que ele falou... mas aí ele falou: “Olha... você tem que pensar porque... é seu, se você quiser ter o neném eu vou te apoiar da mesma forma ele falou... eu estou falando isso porque eu estou pensando... Ele falou assim que quem está de fora é mais racional, então ele estava falando. Ele via como ia ser minha vida esse ano, após formada, que ia querer trabalhar, que eu não ia ter tempo, não ia dar prá estar conciliando... Como é que ia arrumar um emprego grávida? Ninguém ia me dar um emprego. Na hora que fizesse o exame de admissão, eles não iam me dar a vaga. Mas ele deixou nas minhas mãos prá eu escolher... Aí eu conversei com as minha amigas, eu não falei para minha mãe, não falei até hoje prá minha mãe, falei só prá minha irmã... porque eu precisei dela muito prá estar me ajudando porque era fim de ano tudo... A atenção da minha mãe estava muito voltada prá mim porque eu estava me formando, então tinha aquela coisa de estar escolhendo roupa, então minha mãe estava com a atenção muito voltada prá mim. Eu pedi prá minha irmã prá me ajudar porque eu não queria que minha mãe percebesse nada e também estava um clima muito ruim na minha casa porque eu perdi um irmão no meio do ano passado. Então o Natal do ano passado foi muito triste, foi assim muito pesado assim, não parecia que era Natal, entendeu? Tinha aquela mesa de Natal, as pessoas todas bonitas vestidas, só que... estava muito triste... Aí conversei com a minha irmã ela me ajudou muito.

ENTREVISTADORA: Essa irmã é mais velha?

IVETE: Ela é mais velha que eu. Eu sou a mais nova... esqueci de falar... e as minhas amigas também ajudaram bastante, só que eu levei um tempo prá tomar a decisão, não foi de cara. Levei um tempo... e... o meu ginecologista falou o seguinte prá mim ele falou: “Olha, é... você tem todo o direito de optar” ele falou “não é porque eu sou ginecologista e obstetra que eu vou aqui fazer uma apologia contra o aborto... Ele falou: “Olha, eu não faço... eu não faço., mas sei quem faz. Se você quiser eu te indico”. Aí ele deu o endereço de um médico aqui em São Paulo, num bairro classe média aí eu fui. Primeiro fui à consulta com uma amiga. É assim: você paga por uma consulta médica como num outro consultório qualquer se paga... É uma fachada bonita, está escrito Laboratório na frente, um prédio bonito escrito laboratório tal. Aí eu entrei, primeiro ele conversou, conversou muito perguntou porque que eu queria fazer, fez uma série de perguntas... é... falou prá mim que ele mesmo, que a mulher dele mesmo já tinha feito e ele deu o maior apoio, porque ele falou que a mulher tem todo o direito de estar escolhendo qual o momento certo de estar tendo um filho e que prá eu não estar pensando em um castigo, porque falou que isso não existe, porque castigo maior é quando você se obriga a fazer uma coisa que você não quer, ter um filho no momento que você não quer e que depois quem iria sofrer mesmo seria essa criança porque estaria jogando nela todas as minhas frustrações, todas as minha mágoas. Ele falou que também poderia ser que não que eu poderia ter... ele falou que não dá prá você garantir como que vai ser o futuro, que o futuro é uma coisa, é uma incógnita, e o que vale é o momento que se está passando e aquilo que você quer no momento.

ENTREVISTADORA: Foi importante prá você essa posição do seu ginecologista?

IVETE: Não, esse que fez...

ENTREVISTADORA: Então isso que você está falando é do seu ginecologista?

IVETE: Isso.

ENTREVISTADORA: Não é o que fez...

IVETE: O que fez também conversou.

ENTREVISTADORA: Conversou?

IVETE: Conversou bastante. Foi importante porque ele me deixou livre. Porque eu já soube de mulheres que são... assim... é... os médico chegam e... tipo assim dão uma lição de moral, é... e que... reduzem a mulher a nada, falam que você engravidou porque você quis, porque você... ainda mais você que está num, ... que tem um nível universitário que sabe como evitar, eu pensei que ele fosse falar isso prá mim

ENTREVISTADORA: Hum.

IVETE: Mas não, ele falou, você quer ter, eu vou fazer o seu pré - natal com o maior prazer. Ele falou: “A gente faz o pré-natal, escolhe uma maternidade, porque esse é meu trabalho, mas se você não quer você também tem todo direito de tirar, e com... dignamente entendeu? Com dignidade. Você não precisa tomar Citotec ou ir numa curiosa, ele falou. Se você tem condição de fazer uma coisa bem feita, eu prefiro que você faça uma coisa bem feita porque ele como meu médico estaria prezando pela

minha saúde... e... o médico que fez também é ginecologista... e obstetra e ele ficou mais ou menos uns quarenta minutos conversando comigo.

ENTREVISTADORA: Antes?

IVETE: Antes, na consulta

ENTREVISTADORA: Ah, na consulta...

IVETE: É, na consulta e me examinou, falou que na idade gestacional que eu estava não haveria nenhum tipo de problema.

ENTREVISTADORA: Estava de quanto tempo?

IVETE: Estava com dez semanas... Não tinha completado os três meses ainda. E eu levei prá ele os exames eu tinha feito, uma ultrassonografia, e ele me examinou, falou que estava tudo bem... aí ele falou assim que eu poderia fazer com ou sem anestesia. Sem anestesia é mais barato e com anestesia encareceria uns duzentos reais, duzentos e cinqüenta reais. Aí ele me deu o preço, você quer que eu fale o preço que ele cobrou?

ENTREVISTADORA: Você é que sabe!

IVETE: Ele cobrou oitocentos e cinqüenta reais.

ENTREVISTADORA: Com anestesia?

IVETE: Não, era oitocentos e cinqüenta sem anestesia, mais duzentos e cinqüenta, então sai um total de mil e cem. Ele falou prá eu voltar, prá eu escolher o dia que eu queria fazer, e que prá vir cedo, se eu quisesse... prá eu vim acompanhada, de preferência, porque eu ia tomar anestesia, e que se eu... se eu desistisse que... tudo bem, ele falou... se eu quisesse voltar prá conversar com ele de novo sem compromisso eu poderia voltar.

ENTREVISTADORA: Isso, mais a consulta?

IVETE: É!

ENTREVISTADORA: A consulta também você pagou?

IVETE: É, paguei.

ENTREVISTADORA: Quanto foi a consulta?

IVETE: Foi setenta... foi um procedimento bastante caro.

ENTREVISTADORA: Caro, quase um parto.

IVETE: Bastante caro... aí ele mostrou prá mim, porque eu falei prá ele que eu era enfermeira, estava me formando, aí ele mostrou a clínica dele, ele mostrou... o que seria a sala de cirurgia, os equipamentos, falou que ele manda tudo pro... pro Centro de Material, que é tudo estéril, que ele segue todas as normas, técnicas prá eu... prá eu não ter medo... que ele era profissional habilitado, e que, aí eu perguntei quem auxiliava ele, ele falou que era uma auxiliar de enfermagem, que ele não tinha enfermeira nada com ele, só tinha auxiliar... trabalhava ele essa auxiliar e mais uma

secretária só, e o pessoal da limpeza, então um número de funcionários bastante reduzido.

ENTREVISTADORA: E nesse lugar ele só faz aborto apesar de está escrito laboratório?

IVETE: Eu acho que só faz aborto, prá mim é tudo fachada, ele falou que ele é ginecologista que ele atende, que ele não faz só isso que ele atende, mas eu acho que não, acho que ele só faz aborto.

ENTREVISTADORA: Você encontrou outras mulheres lá?

IVETE: Não, incrível, né? Acho que ele marca exatamente prá um não encontrar com outro, não encontrei ninguém lá.

ENTREVISTADORA: Há um monte de coisa que eu quero saber. Você responde se você quiser, tá? Ele falou prá você a técnica que ele usa?

IVETE: Falou... eu perguntei, eu perguntei tudo.

ENTREVISTADORA: E daí?

IVETE: Eu perguntei qual é a técnica, ele falou que era aspiração.

ENTREVISTADORA: Manual ou mecânica?

IVETE: Mecânica.

ENTREVISTADORA: Mecânica.

IVETE: Ele me mostrou o aparelho, aí eu perguntei o que ele ia me dar de anestésico e ele falou.

ENTREVISTADORA: É ele mesmo que dá a anestesia?

IVETE: Ele. Ele falou que é uma pré anestesia, que ele ia me dar uma quantia irrisória de um anestésico. Eu não lembro o nome mas era um anestésico potente usado em anestesia geral, só que ele ia me dar uma fração bem pequena e bastante diluída. Ele falou que ia induzir um sono profundo e que era uma droga que afetava a consciência, então eu dormia, eu não ia lembrar, eu poderia até acordar durante o procedimento, mas depois eu não ia lembrar de nada.

ENTREVISTADORA: Certo.

IVETE: E assim que ele puncionou a veia eu vi que começou a correr o soro e apaguei. Foi um procedimento rápido, durou acho que trinta minutos, de trinta não passou.

ENTREVISTADORA: Tudo?

IVETE: Tudo, de trinta a quarenta minutos, me colocou em posição ginecológica e quando eu acordei eu lembro que eu estava chorando porque estava doendo. Eu estava com cólica, eu estava chorando por que estava com cólica, aí meu namorado estava do outro lado desesperado porque ele falou que eu gritava muito, que eu

gritei, que ele ficou desesperado porque ele não sabia o que estava acontecendo, que não deixaram ele entrar, ele não pode entrar.

ENTREVISTADORA: Você não se lembra de ter gritado?

IVETE: Não lembro, eu lembro que eu acordei chorando com dor, com cólica. E ele me deu uma prescrição, ele deu uma receitinha. Antes de ir prá lá eu tinha que colocar um supositório de um anti-inflamatório, Cataflan, e depois era prá eu continuar tomando e me deu também um antibiótico.

ENTREVISTADORA: E depois?

IVETE: Depois, era prá eu ficar tomando uns seis dias o antibiótico. Ele falou que qualquer problema, sangramento, qualquer coisa febre, era prá ligar prá ele. Me deu o número do celular e o número da casa dele que era prá entrar em contato urgente com ele caso sentisse alguma coisa. Mas eu não tive nada.

ENTREVISTADORA: Não tinha nenhuma consulta de retorno, nada?

IVETE: Tinha um retorno sim. Só que aí eu fui no meu médico também. Estava tudo normal, não tive nem sangramento.

ENTREVISTADORA: Nada, nada?

IVETE: Nada, nada.

ENTREVISTADORA: Depois você menstruou normalmente?

IVETE: Depois de um mês menstruei. Acho que depois de um mês. Aí eu voltei a tomar pílula. O meu médico, a preocupação dele era com o útero, se desse alguma evolução, mas ele falou que não, que estava tudo certo.

ENTREVISTADORA: E como foi prá você, emocionalmente?

IVETE: Ah! Foi, foi muito difícil fazer a escolha. Foi muito difícil porque eu pensava em tudo. Eu pensava que seria muito bom, ter um nenezinho, cuidar do nenem, brincar com ele, essas coisas mesmo de mãe porque eu gosto muito de criança, tanto que eu estou trabalhando com criança. Eu adoro criança, e poder educar, e pode enfim... Mas, ao mesmo tempo, o que pesava mais, o peso mais mesmo foi o fato de eu estar, puxa estava terminando uma faculdade, minha mãe me bancou o tempo inteiro aqui em São Paulo. Poxa! Será que eu ia ficar mais um ano dependendo dela? E com uma criança pequena que ela ia ter que fica comigo, porque como que eu ia trabalhar e cuidar da criança? Eu não achava justo, não achei justo fazer isso com ela, nem com a criança.

ENTREVISTADORA: Normalmente o que as mulheres têm colocado é ... Como você vê essa entrevista é bem aleatória, eu acabo perguntando o que eu quero saber, mas as mulheres têm colocado muito a questão da solidão na decisão, como é que que é isso prá você?

IVETE: Porque assim ó, meu namorado, logo que a gente descobriu, ele falou que na opinião dele a melhor saída, uma melhor solução seria fazer o aborto. Aí, depois que eu escolhi a minha decisão que era essa também... e no dia que eu estava lá na

clínica com ele, chegou a hora, ele não queria, ele falou: “Não ! Vamos desistir, pensando bem vamos desistir”, ele falou. Ele não queria. Ele ficou revoltado comigo depois. Ele falou: “não, porque eu pensei muito, é uma loucura o que eu falei prá você, vamos desistir, não vamos fazer isso. A gente dá um jeito, eu venho prá São Paulo, eu largo tudo lá em Santos e venho prá São Paulo”. Ele, eu... Veja, seria o contrário, eu desistir e ele não. E ele, ele não queria me levar na clínica no dia, dá prá entender? Ele não queria, porque ele falou que criança cresce rápido, que ia ser difícil no começo mas que depois ia ser maravilhoso a gente ter um filho. E que todo mundo ia ajudar e que tem a mãe dele, tem a minha mãe, ele falou que não ia ser problema. Aí, eu falei prá ele: “Não, não já decidi o melhor prá mim vai ser tirar o nenem, eu não quero ser mãe agora, quero muito ter um filho com você, mas não quero agora, entendeu?” Então eu me dei o direito de optar, de escolher o momento de ser mãe.

ENTREVISTADORA: Como é que você vê essa decisão hoje?

IVETE: Eu não me arrependo, eu não me arrependo, acho que eu agi certo porque eu não gostaria agora de estar com um bebezinho em casa, eu trabalhando e com aquela preocupação. “Como é que ele está, será que ele está bem?” Porque eu quero ter um neném e quero ficar com ele enquanto ele for pequeno, não quero deixar ele com ninguém. Eu quero estar com uma estrutura emocional melhor né? Imagine, ser mãe assim de susto !

ENTREVISTADORA: Mãe de susto, é ótimo!!!

IVETE: É, de susto !!! Eu acho que não seria uma boa mãe, nesse momento não seria não. Seria muito egoísta, pensaria muito em mim. Eu não quero ser uma mãe egoísta.

ENTREVISTADORA: Você falou prá mim que ele na hora ele não queria, que foi contrário. Isso chegou a mudar alguma coisa entre vocês?

IVETE: Ele falou que ficou muito magoado, que eu só pensei em mim, que eu não pensei nele, que ele queria ser pai, que eu só pensei em mim. Eu falei que não, que eu pensei em nós dois, porque eu não queria também que ele abandonasse a faculdade dele, porque ele tem já trabalha com o pai dele não poderia fazer ele abandonar o pai que já tem uma certa idade, que já é um senhor e abandonar tudo lá e ficar aqui comigo. Pensei nele também.

ENTREVISTADORA: Mas interessante isso, num primeiro momento querer e depois...

IVETE: É... Porque a gente descobriu logo que eu estava com os convites de formatura, estava escolhendo roupa, então ele estava tão envolvido que a primeira coisa que ele falou foi essa que tinha que tirar.

ENTREVISTADORA: Vocês voltaram a conversar sobre isso depois?

IVETE: Voltamos, voltamos, ele fala que ele gostaria muito agora de estar com um nenenzinho, brincando com o nenenzinho. Ah... eu falou prá ele que a gente vai ter...

ENTREVISTADORA: Vai, lógico!

IVETE: Que não é assim também, a gente tem uma vida inteira pela frente.

ENTREVISTADORA: Interessante isso. Você disse que foi importante você conversar com amigas.

IVETE: Foi, foi bastante. Foi muito, porque eu morava aqui em São Paulo com mais duas amigas da faculdade. Fora essas duas tinha uma muito próxima de mim aqui em São Paulo também. E foi essencial porque elas colocaram o ponto de vista delas, o sentimento delas, a experiência delas ou de outras amigas. Nenhuma das três, tinha feito aborto mas conheciam pessoas que tinham feito, e conheciam pessoas... Uma amiga minha chegou prá mim e falo: "Olha, eu tenho amigas que engravidaram e optaram por ter e outras que optaram por não ter. As que optaram por ter a criança, hoje são mães, estão super bem resolvidas, estão felizes e as outras que fizeram o aborto hoje não são tão felizes quanto as outras. Aí eu falei prá ela que que isso não é uma regra, porque cada pessoa é uma pessoa diferente e cada um tem caminho. Eu acredito que assim a vida te leva prá onde você quer ir, entendeu? Acho que a gente é que dá o rumo, prá nossa vida e para a gente ser feliz a gente tem que estar fazendo aquilo que quer, tem que estar bem resolvido, tem que estar trabalhando com o que gosta, tem que estar do lado da pessoa que gosta. O fato de ter ou não um filho, acho que só vem a complementar uma situação.

ENTREVISTADORA: Porque se não você coloca em cima da criança um monte de coisa...

IVETE: Lógico, lógico !

ENTREVISTADORA: Como você mesma disse...

IVETE: Lógico, porque se engravida e casa só para não ser uma mãe solteira, e se enquadra dentro de um estereótipo de uma família feliz? Eu acho que isso serve mais prá cinema do que para vida real, porque primeiro eu quero estar feliz para depois eu ter um filhinho e fazer ele feliz não é ele que vai trazer a felicidade para minha vida.

ENTREVISTADORA: Lógico. Agora uma pergunta que não tem nada a ver com a entrevista, até porque é uma curiosidade minha. O fato de você ter lidado com essas coisas e ter participado dessas discussões interferiu em alguma coisa na sua decisão?

IVETE: Eu acho que ter trabalhado com você me fez amadurecer bastante, me fez amadurecer, ampliou muito o meu modo de ver a vida. Acho que quando a gente tem um contato maior com mulheres que estudam e que mostram as coisas para a gente uma forma tão clara, eu acho que ajuda muito, ajuda bastante, porque, a sociedade tem uma visão muito... as coisas são colocadas dentro das cabeças das pessoas, as pessoas não buscam um conhecimento, tem sempre alguém querendo colocar um conhecimento ali dentro e as pessoas acabam pensando o que os outros querem que pensem. Eu acho que não, acho que a gente tem que construir a nossa consciência. Eu acho que ter trabalhado com, ter lido muita coisa sobre aborto foi muito importante, ter estado em simpósios onde se falou muito sobre isso e ter ouvido a experiência de pessoas de outros países, de outros estados, mulheres que trabalharam a vida inteira e trabalham nisso acho que foi essencial.

ENTREVISTADORA: Você enfatizou bastante a diferença de opinião entre você e seu namorado e que isso, mesmo assim, não interferiu na sua decisão. De lá para cá, em algum momento, pintou alguma coisa de culpa?

IVETE: Não, sentimento de culpa não. Às vezes eu paro e penso com teria sido se eu tivesse escolhido ter o neném, como seria minha vida hoje? Acho que isso é normal, é até saudável, a gente parar para pensar, aí eu tento imaginar como seria agora.

ENTREVISTADORA: Mas sentindo-se culpada?

IVETE: Não.

ENTREVISTADORA: Sentindo que fez uma coisa errada?

IVETE: Não, de modo algum, de modo algum.

ENTREVISTADORA: Como é que fica em relação a sua religião?

IVETE: Então, assim eu sou batizada pela igreja católica, a minha família inteira é, mas eu aprendi a respeitar muito a doutrina espírita e ambas as religiões são contra o aborto, mas eu acredito que a gente não pode ficar, não pode carregar uma culpa por aquilo que, por ter feito uma coisa que a gente achava que estava certo, entendeu? Para mim o que eu fiz estava certo. Não posso ficar carregando essa culpa a vida inteira, seria estar me torturando e me penalizando, não posso ficar colocando um sentimento tão ruim dentro de mim. Mesmo que, quando aparece lá os bispos na televisão falando que é pecado, do direito a vida, eu acho assim que a vida dele é a minha vida porque ele está dentro de mim. Depois que ele nasce a gente tem toda a responsabilidade do mundo sobre ele. E quando ele está dentro da gente, a responsabilidade de ter ou não é nossa, é meu corpo entendeu, ele é parte de mim.

ENTREVISTADORA: Se você olha prá trás, do momento que você se viu grávida até hoje, em relação a essa questão especificamente, qual foi o momento mais difícil?

IVETE: O momento mais difícil foi quando eu me vi dentro da sala de cirurgia, de touca, de avental, pronta para o procedimento. O momento mais difícil foi aquele que precedeu o procedimento, porque chega na hora, por mais decidida que você esteja, sempre é um peso em cima de você. É um peso tão grande porque você começa a pensar, você começa a se questionar: “Será que é isso mesmo que devo fazer? Será que eu estou fazendo a coisa certa mesmo?” “O que a minha mãe iria pensar, se descobrisse?”

ENTREVISTADORA: Você teve vontade de ir embora?

IVETE: Eu tive vontade de falar prá ele esperar mais um pouquinho, tive vontade de pedir mais um tempo, adiar, embora não sei se seria bom adiar não. Acho que tem que ser ali, ou faz ou não faz. Ou eu falava: “Não, pára!” e vou embora e tenho o meu filho, ou então faz já agora. Não dá prá ficar adiando...

ENTREVISTADORA: Nem biologicamente dá.

IVETE: É, não !

ENTREVISTADORA: Nem sei com te agradecer, viu?

IVETE: Imagine !!!

ENTREVISTADORA: Desvelar sua vida, foi difícil?

IVETE: Foi, foi difícil...

ENTREVISTADORA: Falar sobre isso?

IVETE: Acho que traz uma lembrança não muito agradável, porque não é nada agradável fazer um aborto, nada agradável. Pelo contrário, porque, a todo momento você liga a TV ou você pega alguma coisa para ler e está bem claro, bem gritante que aquilo é errado, que aquilo não pode ser feito, que é crime. Então dá uma coisa, um impacto forte, que você se pega fazendo uma coisa que a sociedade condena. Porque está a maior briga lá em Brasília. Mesmo sendo uma coisa que eu acredito, só não quero que o aborto seja feito assim indiscriminadamente. Eu acho que as mulheres têm o direito de optar e de fazer com dignidade, isso eu bato palmas prá quem defende. Por que fazer um procedimento desse, tão delicado, uma coisa que você pode ficar estéril, você pode morrer, eu acho que é direito, é direito nosso.

ENTREVISTADORA: Você teve medo?

IVETE: Tive, tive medo, eu pensava assim: “Será que ele sabe fazer mesmo?”

ENTREVISTADORA: Como você acha que a gente poderia ajudar essas pessoas?

IVETE: As mulheres?

ENTREVISTADORA: É, as mulheres. Por exemplo, como que você acha que você poderia ter sido ajudada para diminuir essa carga tão ruim?

IVETE: Acho que nesse momento o que agente mais precisa mesmo é um ombro amigo, alguém que você confie e que te dê atenção, que converse com você e que fale que você não está sozinha. Porque uma coisa é ter o seu namorado te apoiando, isso é muito importante claro, mas o homem não pensa como a mulher nisso, ele não sente, as mesmas emoções entendeu? Prá ele foi uma experiência diferente, foi ser pai ou não ser pai, ajudar minha namorada a criar um filho ou não ajudar a minha namorada a criar um filho, diferente...

ENTREVISTADORA: Você falou que você teve essas duas amigas suas e ainda assim foi uma coisa difícil ...

IVETE: Mas foi difícil por isso mesmo, porque a vida inteira você é criada numa sociedade que pensa o contrário, entendeu, então não adianta, acho que tem que ser uma coisa daqui prá frente, essas meninas que tão crescendo, cada vez mais jovens, elas tão tendo uma vida sexual ativa. Acho que o trabalho tem que começar delas, delas porque a gente já cresceu, já está com uma consciência que prá você mudar você tem que trabalhar e trabalhando como eu te falei é estar se relacionando melhor é buscar ampliar a sua visão. Acho que tem que ter um trabalho muito bom de educação sexual pras meninas, não que eu não soubesse sobre os métodos anticoncepcionais, eu conheço, mas assim de como enfrentar uma situação dessa, que ninguém está livre de uma gravidez.

ENTREVISTADORA: Cinquenta e um por cento da população, já nasce com esse peso de algum dia ter que decidir sobre isso. Eu sempre costumo dizer que aborto ou a gente fez ou a gente pensou em fazer, porque nunca, eu não conheço nenhuma mulher e eu não estou falando só das minhas companheiras docentes e as alunas, eu estou falando da minha família, das mulheres mais velhas da minha família que estão ou estiveram sempre à mercê de uma gravidez indesejada, exceto aquelas, muito poucas que têm o problema contrário que é a esterilidade, mas ainda assim quando não sabem que são estéreis.

IVETE: Claro, tem a preocupação com isso também.

ENTREVISTADORA: Tem a preocupação, porque na verdade um método ideal não existe. Mesmo que seja laqueada, tem mulher que é laqueada e engravida e daí, como é que fica? Acho que você aborda uma questão importante essa coisa do antes, desse preparo anterior. Alguma vez você tinha pensado que você pudesse ficar grávida e tivesse que estar diante de uma situação dessas?

IVETE: Não, a gente nunca pensa, eu pensava em ter um filho um dia.

ENTREVISTADORA: Mas não de uma gravidez indesejada...

IVETE: Não.

ENTREVISTADORA: Fortemente indesejada

IVETE: É!

ENTREVISTADORA: Que não está-se falando de uma coisa que você supera.

IVETE: Não, porque, como eu conhecia os métodos anticoncepcionais eu achava que...

ENTREVISTADORA: Estava imune?

IVETE: Estava imune, imagina, é isso aí. É prá... Eu achava que..., só que não tinha consciência de um planejamento, coisa prá quem não tem ... Não engravida quem quer, não. Olha, eu pensava assim: engravida quem quer, eu falava assim: "O que?" "Com pílula com DIU, engravida quem quer". Aí eu descobri que não é bem assim, eu descobri que não é...

ENTREVISTADORA: Está ótimo. Foi ruim falar sobre isso?

IVETE: Não, não foi ruim falar... acho que... Bom, tenho que colocar aqui que eu falei com você, uma pessoa que eu confio. Não sei se eu falaria com um estranho. Não, não foi ruim, porque foi com você, se fosse com uma pessoa estranha, acho que eu não falaria.

ENTREVISTADORA: Obrigada, muito obrigada pela sua colaboração.

Roteiro para estudo de caso

Ler atentamente a história e assinalar no texto os trechos a que se referem às questões abaixo. Discutir em grupo e elaborar respostas às questões. Respalidar as respostas em textos bibliográficos indicados para a disciplina.

- 1) Quais as questões de gênero que o grupo identifica neste caso?
- 2) Levando em conta a categoria gênero, tente explicar porque elas ocorrem.
- 3) Quais as características da masculinidade e da feminilidade apontadas pela entrevistada em relação ao aborto, neste caso.
- 4) Quais os pontos que mais chamaram a atenção do grupo? Por que?
- 5) Como o grupo se posiciona diante da decisão da mulher entrevistada em relação ao aborto e suas justificativas para abortar?
- 6) Como o grupo se posiciona em relação às atitudes e os posicionamentos do namorado?
- 7) Quais foram os sentimentos gerados no grupo em relação ao caso?

Roteiro para apresentação do trabalho

1. **Apresentação oral** - deverá ser em 15 minutos, seguidos de 15 minutos de discussão, apoiada por material de projeção
2. **Apresentação escrita**: elaborar um texto de no máximo 7 páginas contendo:
 - nome da disciplina
 - nome das alunas componentes do grupo
 - título do trabalho
 - respostas às questões, devidamente respaldadas em bibliografias
 - referências bibliográficas utilizadas.
3. Enviar o texto por e-mail, em formato .doc para o endereço eletrônico rmgfon@usp.br até o dia 10 de julho de 2014.